

A faca através da História

A faca e a inteligência humana



Este pequeno texto não pretende ser doutrinário, mas sim uma forma de partilhar consigo, paciente leitor, parte da minha paixão por essa ferramenta extraordinária que é a faca. Espero chamar a atenção, com este e outros artigos, a novos interessados na cutelaria. Que sirva, pelo menos, para que mais leitores passem a observar e respeitar de uma maneira diferente esse objecto de arte e engenho e se possível, porque não, com tempo, espero que alguns de vós se juntem a mim na arte de fabricar a vossa faca.

TEXTO **SÉRGIO SANTOS** (O AUTOR UTILIZA A ANTIGA GRAFIA)
FOTOS **SHUTTERSTOCK E ARQUIVO**

O nosso primitivo antepassado após se ter cortado numa lasca sílex, possivelmente não terá “visto” todo o futuro do objecto que acabava de “inventar”. Contudo, após este incidente ele haveria de ser o orgulhoso detentor dum objecto que lhe permitiria cortar os frutos e os animais dos quais se alimentava, caçar, construir abrigos com ramos, defender-se de outros indivíduos bem como retirar a pele aos animais para assim fabricar vestuário. Com o engenho e arte que é próprio do ser humano, o nosso antepassado passou a fabricar com recurso à percussão e pressão com outras pe-

dras, paus ou chifres bifaces, a partir especialmente do sílex uma variedade de quartzo extremamente duro, sendo outra pedra também utilizada a obsidiana, um mineral vulcânico vítreo, normalmente de cor negra com um poder de corte extraordinário. As lâminas de obsidiana podem ter poder de corte tão fino como os bisturis de aço cirúrgico. E assim entramos no Paleolítico denominação a partir das palavras gregas “paleo”(antigo) e “lithos” (pedra).

FANTÁSTICA FERRAMENTA

Na posse dessa fantástica ferra-



menta os primeiros seres humanos passam a ter acesso a uma dieta mais rica em calorias.

O facto de perseguir, rastrear e esperar pela caça, juntamente a uma melhor alimentação aumenta-lhe a astúcia e consequentemente quanto mais utiliza e alimenta o cérebro mais o desenvolve.

Já no Neolítico (“novo” e “pedra”), o Homem começa a fabricar ferramentas maiores, mais simétricas e com um acabamento refinado em que as pontas de flecha e lanças são em forma de gota. Ele consegue visualizar na pedra informe a ferramenta de que necessita evidenciando, deste modo, uma inteligência e coordenação superiores (esta sofisticação demorou muitos milhares de anos a atingir) permanecendo ainda hoje presentes em algumas tribos estas técnicas de fabrico.

Foram encontradas minas e oficinas especializadas em Spiennes, na Bélgica –considerada Património da Humanidade pela Unesco – e em Grand Pressigny, em França, a mais de 15 metros de profundidade, que eram estreitos buracos onde para atingir o fundo o homem primitivo teria de descer por meio de cordas ou à força de pernas e costas de encontro às paredes da mina. Finalmente no fundo da mina trabalharia à luz de archotes e aí possivelmente essas tribos usariam trabalho escravo devido às taxas de mortalidade elevadas decorrentes desse trabalho.

As lâminas produzidas nesses locais eram de muito boa qualidade podendo algumas delas atingir os 30 centímetros de comprimento, evidenciando a destreza e qualidade do trabalho desses nossos antepassados assim como a qualidade dos materiais utilizados. O comércio das peças produzidas era uma realidade tendo sido encontradas ob-

jectos provenientes dessas localidades a quase 2.000 quilómetros de distância dessas “fábricas”.

Experiências realizadas na actualidade demonstram que as facas de pedra são mais eficientes do que as de bronze. O arqueólogo americano Don Crabtree, autor do livro “Experiments in Flintworking”, é um dos muitos actuais aficionados na arte de transformar sílex e obsidiana em ferramentas, mas também na Europa o francês François Bordes e o inglês Phil Harding, demonstram e ensinam essa mesma arte (em inglês denominada *flintknapping*) ajudando assim a compreender a nossa História.

O COBRE E AS LIGAS

Demonstrando uma inteligência crescente, o nosso antepassado verifica que algumas “pedras” da sua fogueira se liquefazem e transformam-se em algo novo, provavelmente seriam minérios de chumbo ou estanho, metais macios que derretem com facilidade apenas com o calor de uma fogueira (cerca de 200 graus centígrados). Todavia, esses metais macios não satisfaziam as suas necessidades, um metal mais duro era fundamental: o cobre. O primeiro objecto de cobre conhecido data de 8.700 a.C. e foi encontrado onde actualmente é o norte do Iraque. Os povos deslocavam-se em busca de um vale próximo do rio com terra escura e com o minério de cobre à flor do solo sob a forma de pedras azuladas e quebradiças antes de se transformarem depois de muitas enérgicas marteladas no metal vermelho e maleável como o conhecemos. Como todo este processo não era simples nem comum, o cobre não substituiu os objectos de pedra com superior poder de corte. Embora o nosso antepassado tenha feito a descoberta brilhante na fogueira com os metais macios o ▶



mesmo não se aplica ao cobre cuja temperatura de fusão é perto dos 1.100 graus, pelo que talvez o caminho para resolver esta questão tenha sido a utilização de fornos para cerâmica. As lâminas podem deixar de ser simples facas e passar a adagas longas.

O espírito inventi-

dos envolvidos (abençoada internet que acabou com a maior parte deles) e aos poucos eram atribuídos poderes mágicos aos detentores desses saberes ligados ao fogo e à transformação de rochas em metal duro. Mas não, eles não eram magos apesar de algumas das suas criações serem autênticos milagres de sabedoria e habilidade...

PRODUÇÃO MASSIVA

O estanho é um metal relativamente raro e de difícil extracção. O grande comércio gerado pela fabricação em larga escala de objectos em bronze, de que o estanho faz parte, levou aos primeiros problemas de produção “massiva”, ou seja ao esgotamento dos suprimentos locais e a neces-

sidade de importar grandes quantidades de outras paragens. É também desta época o primeiro “mal industrial” a atormentar o Homem, consequência da junção cobre/arsénio, liga cujos fumos venenosos tornam extremamente insegura a sua preparação, o que leva a que o bronze composto de cobre/estanho além de ser mais rijo ser, também, mais seguro. Outro dos problemas adveio das largas quantidades de árvores utilizadas sob a forma de carvão para alimentar os fornos baixos de barro refractário utilizados à época.

A busca incessante de melhores materiais leva-nos à Idade do Ferro. Sabemos por Pétrone que os cozinheiros romanos preferiam as facas de Norique, província correspondente à Áustria actual. Os Celtas – esta é a designação de um conjunto de povos, bretões, gauleses, escotos, batavos belgas, caledónios, etc. – são hábeis fabricantes de lâminas de ferro enquanto os Gauleses são mestres da cutelaria.

TRANSFORMAÇÃO DO FERRO

Apesar do ferro se desfazer em ferrugem, com o passar dos séculos, chegaram até aos nossos dias excelentes exemplos da tecnologia Celta. Quando observamos as su-

as lâminas é fácil imaginarmos o ferreiro com o seu avental de pele a trabalhar numa forja, espevitada por um grande fole batendo repetidamente numa barra de ferro, que adelgaça e dobra, tornando a bater e dobrar vezes sem conta, cobrindo-a com carvão e excrementos secos durante muitas horas. A esse processo chama-se carburação e serve para transformar o ferro macio num aço mais duro. Lentamente a lâmina vai ganhando forma e quando estiver a gosto do artesão será mergulhada em brasa e em água, rapidamente, para lhe dar têmpera. Volta a batê-la, aquecendo-a desta vez até uma temperatura mais baixa, mergulhando-a novamente na água com a finalidade de corrigir a dureza excessiva dada pela têmpera e aliviar ou corrigir as tensões internas do material.

O ferro ou aço possibilita não só a arma branca ser de estoque mas uma arma de corte efectivo, o que fará toda a diferença durante uma luta. A maioria dos povos Celtas foi conquistada e integrada pelos Romanos que sabiamente apreenderam os conhecimentos desses povos pelo que a utilização do ferro será vulgarizada. A evolução de materiais e o seu desenho continuarão através dos tempos, graças ao engenho humano. Assim, na Idade Média durante as Cruzadas, é trazido

para a Europa vindo de Damasco, na Síria, o segredo da cimentação do ferro, nascendo por toda a Europa aldeias e vilas dedicadas à cutelaria, sempre junto a rios que forneciam a força motriz para as pedras de afiar, ao mesmo tempo que nascem também as primeiras corporações cuteleiras. Os materiais não param de evoluir, a par do desenho de armas brancas, dependendo da sua utilização, seja como ferramenta, arma, objecto de ornamentação ou de ostentação sempre representativas da cultura e da arte dos povos: os Khukuri ou mais conhecido como Kukri, faca mítica e símbolo dos Gurkhas guerreiros nepaleses; os Kriss malaios com a sua lâmina ondulada (quem não se recorda dos livros de Emilio Salgari ou da sua adaptação para televisão por exemplo de “Sandokan”); os Skeep Dhu, faca tradicional escocesa usada na meia juntamente ao Kilt (saia tradicional) e o Sporrán (bolsa de cintura) são imagem de marca do Highlander; a Katana espada de lenda e cheia de mística dos Samurais; ou até a faca Bowie americana (sendo ou não uma “invenção” de Jim Bo-



wie, um melhoramento do desenho já existente ou adaptação às necessidades, como aliás todas as inovações e invenções humanas). Muitas outras armas brancas fizeram e fazem História ainda hoje...

Em 1912 nasce o aço inoxidável, mais resistente à oxidação e à corrosão, sendo primeiramente utilizado no fabrico de talheres, até então fabricados em aço carbono que se corroía com facilidade devido aos ácidos dos alimentos, além de que, segundo alguns gastrónomos, altera o sabor dos mesmos. O aço inoxidável, graças à sua resistência à corrosão, às suas propriedades higiénicas e estéticas será, até ver, o material de eleição para as facas (armas brancas ou não) apesar do titânio e do dióxido de zircónio.

O USO DA FACA NOS NOSSOS DIAS

Note-se que sou o primeiro a condenar todo e qualquer tipo de violência (até a violência de algumas leis irracionais e prepotentes, o meu registo criminal está limpo e considero-me um cidadão cumpridor e livre, pelo menos no pensamento).▶



vo sempre presente no ser humano faz com que ele junte ao cobre uma pequena percentagem de arsénio ou estanho. Nasce, assim, o bronze uma liga com uma grande resistência à tracção e uma considerável resistência a danificações e corrosão – ora, estão a ver como a união faz a força!?

Na posse deste material maleável e de fino grão as lâminas passam a ter um comprimento nunca antes visto, 75-90 cm, e o próprio design também se modifica com o aparecimento de uma nervura central que conferia uma maior rigidez na estocada.

O fabrico de armas brancas foi sempre acompanhado de uma aura de mistério e magia devido aos segre-





Não me irei alongar sobre a legislação, de qualquer modo considero que as ditas armas brancas poderão ser tão somente ferramentas. As verdadeiras armas são os seres (ditos) humanos mal formados...

É evidente que não vejo a necessidade de transportar uma *butterfly* (navalha de abertura automática), vulgarmente conhecidas por “ponta e mola”, ou andarmos armados com uma faca qual Crocodile Dundee nestas selvas de betão, mas o meu canivete com a sua lâmina com menos de 10 centímetros estará sempre no meu bolso, assim como uma esferográfica e uma lapiseira, pois sempre me acompanharam. Eu sei que já sou antigo mas, no meu material escolar, lá estava um pequeno canivete que fazia parte do material indispensável para as aulas de “Trabalhos Manuais”. Nos nossos campos, hoje esquecidos e abandonados, era graças ao canivete que nasciam obras-primas de artesanato pastoril, o fabrico de palitos, usado também na poda, na vindima, na ceifa (etc.).

Chamo, no entanto a atenção que continuo a não entender como é que algumas revistas persistem em oferecer facas “de cozinha”, com lâminas de 25 centímetros acessíveis a um qualquer meliante.

Se essa dita faca não fosse de cozinha e lhe chamassem faca de mato, faca de montaria, de mergulho, de esfolar, ou outro nome e mesmo que tivesse uns míseros 15 centímetros de lâmina já o nosso legislador

estaria atento. Já agora, para quando a Licença de porte de Martelo? A maior parte dos assaltos a ourivesarias é feita com recurso a esse objecto. Pensem um pouco: os crimes com armas brancas são na sua maioria crimes de oportunidade e em grande percentagem decorrentes de casos de violência doméstica, em que a faca estava à mão, a maior parte das vezes uma faca de cozinha, um machado, um sacho, etc. Há que punir severamente os marginais, mas não compliquemos a vida ao cidadão cumpridor, com leis castradoras da liberdade.

Já repararam que a pior de todas as armas pode-se vender sem problemas?! Neste caso, é claro, estou a falar do automóvel.

Num país em crise, vamos ajudar a proteger uma indústria em que na realidade somos bons e em que damos cartas no estrangeiro. Alguns dos canivetes e facas que orgulhosamente ostentam origem suíça, alemã, francesa, norte-americana, etc., foram, na realidade, fabricadas no seu todo ou em parte, neste rectângulo à beira-mar plantado.

Palaçoulo, aldeia de Miranda do Douro, não sabe o que é o desemprego em grande parte graças à cutelaria e também Guimarães e especialmente a Benedita são centros cuteleiros de excelência.

Por fim um desafio: façamos uma experiência interessante tentando passar um dia inteiro sem mexermos na rainha de todas as ferramentas; a faca.

Da faca ao canivete

No momento da refeição o pagem põe sobre a mesa duas facas de 30 centímetros de comprimento e 4 centímetros de largura e a faca pessoal do seu senhor, utensílios que servirão para cortar a carne e picá-la para de seguida levá-la à boca, sendo os bocados de carne postos em grossas fatias de pão. No século XVI aparecem os garfos e os pratos, enquanto a faca pessoal atinge grande desenvolvimento, sendo banal o seu uso à cintura. Já no séc. XVII nascem as facas de mesa de ponta redonda, graças ao Cardeal de Richelieu. Segundo alguns autores, receoso de um atentado com as facas ponteadas e, segundo outros, devido à má postura à mesa de alguns nobres que palitavam os dentes com a ponta da faca, Richelieu terá criado um édito em Lille (1669), segundo o qual todos deveriam mandar arredondar a ponta das facas. É por esta razão que as facas Luis XVI se caracterizam pela ponta arredondada também chamada “em lentilha”. Os primeiros canivetes nascem também por essa altura, estando a lâmina fixa ao cabo por meio de um parafuso, girando em torno deste. Terá sido criado em Itália, França ou Espanha, não havendo contudo uma certeza, embora todos esses países (Portugal também) reclamem para si a invenção do primeiro canivete. A faca passa assim a ser transportada no bolso e não à cinta, sendo nesta época as primeiras facas para fruta de lâmina em prata ou ouro, metais que não oxidam em contacto com o ácido da fruta. Continuam a ser utilizadas as facas pessoais e somente as casas reais e nobres possuem faqueiros completos. O aço passa, em pleno século XVII, a ser de mais comum uso e torna-se metal de eleição durante a Segunda Revolução Industrial, em meados do séc. XIX.

